

DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA NAS PRÁTICAS DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Geanne Maria Costa Torres¹

Inês Dolores Teles Figueiredo²

Raiza Amanda Gonçalves de Souza³

Anna Clara Silva Torres⁴

Cícera Emanuele do Monte Simão⁵

Ana Paula Ribeiro de Castro⁶

RESUMO

As ações do Programa Saúde na Escola vislumbram práticas educativas que agregam mais conhecimentos sobre a sexualidade na adolescência, buscando entender as vulnerabilidades e os fatores de risco que permeiam a vida sexual. O estudo teve como objetivo descrever as experiências de enfermeiras no Programa Saúde na Escola na abordagem sobre sexualidade na adolescência com turmas do ensino fundamental II, de um município do interior do Estado do Ceará. Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, do tipo relato de experiência, desenvolvido pelas enfermeiras de cada equipe de Saúde da Família nos meses de fevereiro a junho de 2023, com alunos das turmas dos 7º, 8º e 9º anos de escolas da zona urbana e rural, de um município do interior cearense, por meio de apresentações expositivas e dialogadas, associadas a vários recursos didáticos para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem. As práticas educativas permitiram refletir acerca da importância das ações do Programa Saúde na Escola no ambiente escolar, por ser um lugar privilegiado à promoção da saúde por meio da educação. As estratégias pedagógicas utilizadas permitiram participação e envolvimento dos adolescentes, estando presentes muitas dúvidas, questionamentos e inquietações no contexto da sexualidade na adolescência. Logo, é urgente ampliar os espaços de diálogos entre escola-saúde-família, além de outros segmentos da sociedade para maior discussão sobre esta temática, a fim de minimizar as dúvidas e mitos referentes à sexualidade humana. Destacamos, então, que falar sobre sexualidade nos diversos espaços, ainda é algo desafiador, tanto pela dificuldade na abordagem de educadores, dos pais e de outros entraves, necessitando de capacitações e mais diálogos intersetoriais e multidisciplinares, além da continuidade nas práticas de educação em saúde, vislumbrando o cuidado e a formação integral de adolescentes.

¹ Enfermeira. Doutoranda em Saúde da Família, Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Pesquisa Clínica, Cuidado e Gestão em Saúde (GPCLIN). Email: gmctorres@hotmail.com

² Enfermeira. Doutoranda em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Pesquisa Clínica, Cuidado e Gestão em Saúde (GPCLIN). Email: ines.teles@urca.br

³ Enfermeira. Especialista em Saúde Pública com ênfase em Saúde da Família. Membro do Grupo de pesquisa GPCLIN. Email: raiza.amanda@urca.br

⁴ Graduanda em Farmácia. Centro Universitário Paraíso (UNIFAP). Membro do Grupo de Pesquisa Clínica, Cuidado e Gestão em Saúde (GPCLIN). Email: annaclaratorresfal@gmail.com

⁵ Enfermeira. Residência em Enfermagem Obstétrica, Universidade Regional do Cariri (URCA). Membro do Grupo de Pesquisa Clínica, Cuidado e Gestão em Saúde (GPCLIN). Email: emanueledomonte16@gmail.com

⁶ Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde, Centro Universitário Faculdade de Medicina do ABC - FMABC. Doutoranda em Saúde da Família (UECE). Email: anapaulacastrocrato@gmail.com

Descritores: Educação sexual; Saúde do adolescente; Sexualidade; Programa saúde na escola.

INTRODUÇÃO

As políticas de saúde no Brasil são estruturadas nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo a Atenção Primária à Saúde (APS), a entrada principal dos usuários no sistema de saúde, valorizando a participação popular nos cuidados de saúde. Com a Constituição de 1988 emerge o SUS, caracterizado por ações de prevenção, promoção e proteção da saúde desempenhadas por uma equipe multiprofissional que se dirige a populações de territórios bem delimitados (ROLIM; CRUZ; SAMPAIO, 2013).

Nesse cenário, compreende-se a escola como um espaço potente para ampliar e garantir o alcance do SUS, sendo instituído o Programa Saúde na Escola (PSE), em 2007, com o intuito de colaborar, por meio de ações de prevenção e promoção da saúde, para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica (SANTOS et al., 2019). O PSE resulta do trabalho integrado entre o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério da Educação (MEC), na perspectiva de ampliar as ações específicas de saúde aos estudantes da rede pública de ensino fundamental, médio, rede federal de educação profissional e tecnológica, educação de jovens e adultos (BRASIL, 2009).

Partindo dessa premissa, a escola é um espaço aberto ao diálogo, sendo possível oferecer orientação e acesso a informações adequadas a cada faixa etária e auxiliar no processo de formação e de tomada de decisão do educando no processo de descoberta da sua sexualidade (SOARES; CAETANO; SOARES, 2014). Diante disso, o diálogo é a ferramenta básica no processo de educar para a sexualidade, sendo o exercício natural para o desenvolvimento da relação adulta, para o encontro entre as pessoas. Dessa forma, a escola precisa reassumir o trabalho de educação sexual, mas não para repreendê-la, e sim para mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, contudo, substituir a família, porque a criação não chega à escolas sem ideias, mas já com diversas inscrições acerca do sexo (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Assim, para sedimentar este diálogo é fundamental uma prática intersetorial e multidisciplinar, agregando a família como parceira em relação à educação sexual para juntos ampliar os debates sobre os diversos temas importantes e necessários

a serem trabalhados nessa fase, dentre eles, a sexualidade, que segundo Alves e Aguiar (2020) transcende o biológico e envolve as esferas psicológica e social, sendo, muitas vezes, influenciada pelas crenças e valores familiares e sociais. É na adolescência que a sexualidade assume função importante na formação da identidade e desenvolvimento da personalidade, que envolve não só o desejo e atração sexual, mas a precocidade do início da atividade sexual.

Nessa perspectiva, o PSE vislumbra essas práticas educativas, conjuntamente, entre escola, profissionais de saúde, família e demais parceiros com o intuito de agregar mais conhecimentos sobre a sexualidade na adolescência, buscando dirimir as vulnerabilidades e os fatores de risco que permeiam a vida sexual, reforçando o que destacam Carvalho; Zanin e Flório (2020), a educação em saúde no ambiente escolar tem papel fundamental na construção de hábitos saudáveis e mudanças no estilo de vida, com vistas à promoção da saúde deste público jovem e prevenção de condições associadas a esta faixa etária.

Diante do exposto, o presente estudo justifica-se pela necessidade de fortalecer os diálogos sobre sexualidade na adolescência para além da relação saúde-escola, trazendo a família para compor a rede de apoio com o intuito de fomentar um diálogo pautado em debates amplos e plurais sobre a temática, sem julgamentos e preconceitos.

OBJETIVO

Descrever as experiências de enfermeiras no Programa Saúde na Escola na abordagem sobre sexualidade na adolescência com turmas do ensino fundamental II, de um município do interior do Estado do Ceará.

MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, do tipo relato de experiência, metodologia que expressa às vivências acerca de uma temática, contribuindo para as experiências vivenciadas por acadêmicos e profissionais essenciais à formação do pensamento crítico e à reflexão sobre as situações vividas à medida que promove interrelação com a literatura científica (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

O cenário do estudo é um município localizado na mesorregião Sul Cearense e microrregião Araripe. Possui uma população estimada de 16.714 habitantes.

Dista da Capital do Ceará, Fortaleza, 585 km, tendo acesso Rodoviário pela BR-112 e 116, CE-184 e 021 (IBGE, 2021). A APS está organizada em oito equipes de Saúde da Família com Saúde Bucal, apresentando uma cobertura de 100% da população e uma equipe multiprofissional (e-Multi) para dar apoio às unidades de saúde. No contexto educacional, apresenta 24 escolas municipais, três Centro de Educação Infantil (CEI), com 4.410 alunos(as)(as) matriculados, e uma escola estadual, contendo 635 pessoas matriculadas, estando contemplados pelas ações do PSE.

O estudo foi desenvolvido nas turmas dos 7º, 8º e 9º anos nas escolas da zona urbana e rural, com uma duração, em média, de 90 minutos, por meio de apresentações expositivas e dialogadas pelas enfermeiras de cada equipe de Saúde da Família, além da utilização de estratégias educativas direcionadas para diálogos abertos acerca das temáticas abordadas, como sexualidade, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez na adolescência. Para isso, foram desenvolvidas atividades voltadas à reflexão crítica sobre os conteúdos abordados, como rodas de conversa e apresentação de vídeos, agregando-se atividades lúdicas como dinâmicas e músicas para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem. As enfermeiras foram convidadas por diretores e professores pelas dificuldades ainda enfrentadas na abordagem sobre educação sexual nas salas de aula, com tabus, mitos, entendimento da família, entre outros fatores.

Por se tratar de um relato de experiência, não houve necessidade de submissão e avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, mas respeitaram-se aos princípios éticos da Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências vivenciadas nas práticas em saúde sobre sexualidade na adolescência, permitiu-nos refletir acerca da importância das ações do PSE no ambiente escolar, tendo em vista ser um lugar privilegiado à promoção da saúde por meio da educação. Além disso, pôde-se sensibilizar a família sobre a necessidade de diálogos sobre esta temática para proporcionar impactos positivos à saúde dos(as) educandos(as), promovendo sua saúde, pois como cita Freire (2011), o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles

que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar.

A escola é espaço de grande relevância para a promoção da saúde, principalmente quando esta se insere na constituição do conhecimento do cidadão crítico, estimulando-o à autonomia, ao exercício de direitos e deveres, as habilidades com opção por atitudes mais saudáveis e ao controle das suas condições de saúde e qualidade de vida (BRASIL, 2007).

Assim, no decorrer das apresentações expositivas e dialogadas, depreendemos que professores e profissionais da saúde, por meio da amorosidade e dialogicidade abrem espaços para o diálogo e maior interação com os(as) adolescentes, incentivando-os(as) a participarem para que o processo educativo proporcione mudanças que sejam significativas e transformadoras, tendo em vista permear muitas dúvidas, questionamentos e inquietações desse público no âmbito da sua sexualidade.

Estudos reforçam que adolescentes relatam dúvidas sobre a temática sexualidade, ressaltando aquelas relacionadas a doenças e gravidez. Apesar da vida sexual iniciar cada vez mais cedo nos últimos tempos, percebe-se que os adolescentes não têm acesso a informações consistentes que influenciem positivamente na prática sexual. A fonte destas informações é, na maioria das vezes, amigos e colegas, os quais também não tiveram acesso a uma educação sexual confiável (CAMILO et al., 2009; ALMEIDA et al., 2017).

Fato reforçado com as dinâmicas “Mitos e Verdades”, “Expressando a sexualidade”, “O que pensa/sabe sobre as IST”, “O que pensa/sabe sobre gravidez na adolescência”, entre outras, feitas com tarjetas, frases dentro de bolas de assopro e em envelopes distribuídos para o público presente, evidenciando adolescentes permeados por mitos e dúvidas, reforçado também pelas indagações contidas na ‘Caixa de Perguntas’ feitas por eles(as). Devendo assim, ampliar os espaços de diálogos entre escola-saúde-família, além de outros segmentos da sociedade para maior discussão sobre estas temáticas, a fim de minimizar as dúvidas e mitos referentes à sexualidade humana.

Durante as rodas de conversas, foram apresentados os vídeos “Sexualidade e gravidez na adolescência”, “Educação sexual - gravidez na adolescência” e “Sexualidade para adolescentes - métodos contraceptivos” que oportunizaram a participação e o desejo por mais diálogos sobre os conteúdos abordados, reforçando o que destacam Campos et al. (2018), adolescentes desejam dialogar

sobre temas relacionados à própria vida, às suas vivências amorosas e relacionais, o que coaduna com uma educação em sexualidade emancipatória, que contemple aspectos cognitivos e também afetivos. Nesse entremeio, músicas entrelaçarem-se pelas práticas de educação em saúde, como: “Já sei namorar - Os tribalistas”; “Pra você guardei o amor” - Nando Reis”; “Amor e sexo - Rita Lee” e “Eduardo e Mônica - Legião Urbana”, facilitando os diálogos, despertando a motivação e participação dos(as) adolescentes.

Nesse contexto, é fundamental que os adolescentes tenham conhecimento acerca dos eventos fisiológicos que ocorrem, provocando mudanças em seu corpo, bem como informações a respeito de medidas para a prevenção de IST, com vistas a promover ações que considerem as dimensões biopsicossociais (SOARES et al., 2015). Desse modo, o PSE se propõe a ser um novo desenho da política de educação em saúde como parte de uma formação ampla para a cidadania e promove a articulação de saberes e a participação de alunos, pais, comunidade escolar e sociedade em geral ao tratar a saúde e educação de forma integral (CARVALHO, 2015).

Percebemos, ainda, que a sexualidade na adolescência ainda é pouco trabalhada na família, bem como não há encontros nas escolas com os pais para essa abordagem, pois segundo Moizés e Bueno (2010), a participação da família é fundamental no que compete ao processo de educação sexual desenvolvido pela escola, de modo que a sexualidade não se torne objeto de duplicidade de discursos e de atitudes.

No entanto, a família ainda se mantém constrangida em dialogar com os filhos sobre assuntos que envolvam sexualidade, e a falta de diálogo traz consigo consequências importantes, como levar o adolescente a desenvolver sua sexualidade baseada em conceitos equivocados muitas vezes buscados na internet, trazendo consequências não só pra si mas também pra toda a sociedade (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013). Faz-se necessário maior engajamento da família no contexto escolar sobre as ações do PSE, em especial, sobre sexualidade, a fim de contribuir no desenvolvimento de uma vida saudável dos(as) filhos(as), ampliando o diálogo e o esclarecimento de dúvidas em relação à temática.

A sexualidade perpassa a vida do adolescente, na qual as causas da gestação podem ter variadas explicações, assim como diferir de cultura para

cultura. A gravidez na adolescência é um fenômeno preocupante, sendo, portanto, um problema de saúde pública, proporcionando um aumento de IST, além da possibilidade de abortos (FERNANDES; MENDES, 2019). Assim, a ação conjunta torna-se fundamental no PSE para uma educação sexual mais ampla e adequada para os(as) adolescentes, por meio de um diálogo aberto, acolhedor e livre de preconceitos.

As atividades realizadas proporcionaram momentos de interatividade e participação, despertando a curiosidade e o interesse do público nas temáticas abordadas, sendo permeadas pela amorosidade, dialogicidade e ludicidade, aspectos importantes para contemplar os diferentes olhares e suas percepções, dúvidas, inquietações e questionamentos. Nesse contexto, percebemos que ainda há muito a dizer, fazer e avançar nos espaços escolares, pois

[...] muitas vezes os pais têm dificuldades em abordar questões de sexualidade com seus filhos, justamente por não terem muito claro o que aconteceu com eles próprios. Neste contexto a maioria dos pais atribui a tarefa da orientação sexual de seus filhos à escola e esta, por sua vez, apresenta dificuldade em cumprir tal tarefa. Neste sentido, [...] é importante considerar também o fato de que o professor pode sentir-se despreparado em lidar com aspectos da orientação sexual junto a seus alunos (BRETAS; SILVA, 2005, p. 327- 328).

As vivências demonstraram a necessidade de avanços na educação em sexualidade com adolescentes nos ambientes escolares, devendo ocorrer o envolvimento da família, a fim de dirimir os silêncios nos debates acerca dessa temática. Os compromissos devem ser contruídos coletivamente para contemplar as ações do PSE e preencher as lacunas existentes, revendo (pré)conceitos, quebrando tabus e amparando os(as) adolescentes sobre seus questionamentos e dúvidas relacionadas à sexualidade, a fim de “promover práticas de educação e aconselhamento que contribuam para o exercício seguro da sexualidade pelo adolescente frente aos potenciais riscos presentes no uso da internet” (SANTOS et al., 2021), e de conversas com colegas que, muitas vezes, compartilham, erroneamente, as informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do PSE nos espaços escolares se configuram como ferramentas potentes à saúde do adolescente, mas sua abordagem com ênfase na sexualidade ainda é permeada de muitos mitos e tabus em nosso meio. Diante disso, torna-se

fundamental mais debates e discussões para melhor compreensão e entendimento dos adolescentes sobre as várias maneiras como expressam a sexualidade, as mudanças corporais, os cuidados com o próprio corpo, enfim, com informações adequadas para que possam exercer e viver sua sexualidade, de forma segura e saudável.

Desse modo, escola, profissionais da saúde e demais parceiros devem proporcionar mais momentos de debates e discussões, juntamente com a família, pensando a sexualidade na perspectiva de vinculação, união, respeito pelas diferenças, estabelecendo o fortalecimento de vínculos e da ação conjunta, a fim de alcançar resultados promissores para a saúde dos adolescentes na continuidade nas práticas de educação em saúde, vislumbrando o cuidado e a formação integral de adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. A. S. et al. Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy. **Rev Bras Enferm**, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, 2017.

ALVES, L. S.; AGUIAR, R. S. Saúde Sexual e Infecções Sexualmente Transmissíveis na Adolescência: Uma revisão integrativa. **Revista Nursing**, [S.l.], v. 23, n. 263, p. 3683-3687, 2020.

BRASIL. **Escolas promotoras da saúde**: experiências no Brasil. Série B. Textos Básicos de Saúde Série Promoção da Saúde, 6. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde na escola**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 93 p.

BRETAS, J. R.; SILVA, C. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 326-33, 2005.

CAMILO, V. M. B. et al. Educação em saúde sobre DST/AIDS com adolescentes de uma escola pública, utilizando a tecnologia educacional como instrumento. **DST - J Bras Doenças Sex Transm**, v. 21, n. 3, p. 124-128, 2009.

CARVALHO, F. F. B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, 2015.

CAMPOS, H. M. et al. Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educacionais emancipatórias! **Pesq. Prát. Psicossociais**, v. 13, n. 3, p. 1-16, 2018.

FERNANDES, T. R.; MENDES, C. M. M. **O planejamento familiar como estratégia de prevenção e cuidado na gravidez na adolescência.** Universidade Aberta do SUS (UNASUS), Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 53 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 144 p.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do Ensino Fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 1, n. 44, p. 205-212, 2010.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, [S.l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

ROLIM, L. B.; CRUZ, R. S. B. L. C; SAMPAIO, K. J. A. J. Participação popular e o controle social como diretriz do SUS: uma revisão narrativa. Capturado em 18 de novembro, 2018. **Revista Saúde em Debate**. v. 37, n. 96, p. 139-147, 2013.

SANTOS, A. C. D.; GASPARIM, C. A.; MONTEIRO, G. M.; BRITO, M. R.; SILVA, V. A. M. Relato de Experiência: Construção e Desenvolvimento do Programa de Saúde na Escola (PSE) sob a Perspectiva da Sexualidade na Adolescência. **Rev. bras. educ. med.** v. 43, n. 3, p. 193-199; 2019.

SANTOS, G. S. et al. Representações sociais de adolescentes sobre sexualidade na internet. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 55, 2021.

SOARES, B. M.; CAETANO R. de O.; SOARES, S. de S. A sexualidade no ensino de Ciências. **IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**, p. 1-11, 2014.

SOARES, T. M. S. et al. Educação sexual para adolescentes: aliança entre escola e enfermagem/saúde. **Rev. Espaço para a Saúde**, v.16, n.3: p 47-52, 2015.